



Flávio se esquivava sobre Master

Presidenciável não presta contas sobre financiamento para filme Dark Horse, mas diz que não há nada de errado na negociação

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O presidenciável do PL, Flávio Bolsonaro, evitou, mais uma vez, prestar contas sobre o dinheiro que pediu ao banqueiro Daniel Vercaro, dono do Banco Master, para, supostamente, financiar o filme Dark Horse, sobre o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Flávio reiterou não haver ilícitos na negociação — ele pediu R\$ 134 milhões a Vercaro — e atacou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. As declarações foram dadas em sabatina na TV Globo.

“Estou falando de um pedido de um patrocínio privado para um filme privado, sem absolutamente nenhuma contrapartida (...), o que é bem diferente do que fez o Lula na relação com o Vercaro”, afirmou Flávio, ao citar um suposta relação entre o banqueiro e o Instituto Lula, para a produção de filme sobre o petista.

Questionado por que procurou o Master para o financiamento no contexto em que a Polícia Federal já investigava o banco por fraudes no sistema financeiro, o candidato negou que à época — em 2025 — havia apurações contra a instituição de Vercaro.

“Conversei com vários possíveis investidores, e ele (Vercaro) topou fazer numa época que ele não tinha absolutamente nada de errado”, disse. A conversa entre Flávio e Vercaro sobre dinheiro ao Dark Horse, porém, ocorreu entre agosto e setembro do ano passado, justamente no contexto em que o Banco Central havia acusado inconsistências e suspeitas em operações financeiras da instituição.

Na sabatina de ontem, o candidato do PL criticou punições aos envolvidos na tentativa de golpe de Estado, em 8 de janeiro de 2023. “Não dá para você querer dizer que

Reprodução/TV Globo



uma senhorinha com Bíblia, um cara vendendo algodão doce no meio da manifestação, estão tentando dar um golpe.”

Nesse momento da entrevista, o presidenciável do PL negou que seu pai — condenado a 27 anos de prisão por tentativa de golpe de Estado e outros crimes — assumiria um cargo em seu eventual governo.

“O presidente Bolsonaro nunca tratou de cargo, nunca sugeriu trabalhar no governo. Eu tenho o privilégio de, a hora que eu precisar consultar

um ex-presidente da República, eu tenho dentro de casa, de confiança. (...) O presidente Bolsonaro foi condenado em uma farsa”, sustentou.

Flávio também disse que o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), age como “articulador” de Lula e postulante à reeleição do petista, com o presidente do Congresso, Davi Alcolumbre (União-AP). “Alexandre de Moraes é um articulado político de Lula em Brasília. Ele (Moraes) que fez as pazes entre Lula e

Alcolumbre”, frisou.

Perguntado sobre possível envolvimento do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Nunes Marques, no caso Master, o candidato não citou o ministro nominalmente e pontuou que “ninguém estaria abaixo da lei”.

Tesouração

O presidenciável do PL também disse que seu programa de corte de gastos públicos prevê a



O meu pai vai ser você, o povo brasileiro, vai ser você para quem eu vou trabalhar. O presidente Bolsonaro nunca tratou de cargo comigo, nunca sugeriu que gostaria de trabalhar no governo, eu tenho o privilégio de, quando eu puder consultar um ex-presidente da República, eu tenho um dentro de casa”

Flávio Bolsonaro,
candidato à Presidência

» “Eduardo não será chanceler”

O candidato do PL à Presidência, Flávio Bolsonaro, declarou em entrevista para a TV Globo que o irmão, o ex-deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL), não será ministro das Relações Exteriores. Ele porém, não pontuou se o deputado cassado poderá ter outro cargo no seu eventual governo. “Ele não vai ser meu chanceler. O Eduardo é um perseguido político, que está lá fora denunciando as arbitrariedades que existem aqui no Brasil. Um dia, a história ainda vai reconhecê-lo como alguém que se sacrificou para defender a democracia”, declarou. Desde fevereiro de 2025, Eduardo mora nos EUA e promove articulações entre bolsonaristas e a Casa Branca, o que foi julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) como coação no curso do processo na tentativa de golpe de Estado, com condenação de quatro anos e dois meses de prisão.

diminuição no número de ministérios e da venda de imóveis da União “abandonados”.

“Salário mínimo e aposentadorias acima da inflação. (...) Meu concorrente está fazendo terrorismo dizendo que eu acabaria com servidores públicos e com estatais. (...) O reajuste fiscal virá da diminuição de ministério, hoje há 39 ministérios. Também virá do combate à corrupção da gestão de estatais e da venda de imóveis

abandonados. O governo brasileiro tem 30 mil imóveis abandonados”, pontuou.

Ele também afirmou que manterá o fim da escala de trabalho 6x1, promulgada ontem, no Congresso Nacional, caso seja eleito. “Eu votei conforme o que ouvi nas ruas”, argumentou, ao justificar seu posicionamento favorável à proposta e sua mudança de ideia quanto à matéria, já que, reiteradamente se posicionou contrário à matéria.

Presidenciáveis cedem em pautas sensíveis

» DANANDRA ROCHA

Às vésperas do segundo turno das eleições, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador Flávio Bolsonaro (PL) recalibram posições em temas que provocam divergências entre suas bases políticas. O parlamentar, por exemplo, passou a anunciar apoio ao fim da escala de trabalho 6x1, depois de se posicionar reiteradamente contra a proposta. Já o petista disse ser favorável à redução da maioria penal, na contramão do que o PT e aliados sempre resistiram.

Interlocutores da campanha de

Flávio ouvidos pelo **Correio** avaliam que o candidato precisa se aproximar dos trabalhadores que serão beneficiados pela redução da jornada para evitar perdas eleitorais. A preocupação é que a resistência inicial à proposta prejudique seu desempenho na reta final da campanha.

A mudança de posição busca reduzir o desgaste e impedir que Lula concentre os ganhos políticos associados à medida. Na quarta-feira, véspera da votação da PEC do fim da 6 x 1, Flávio anunciou que votaria a favor da proposta no Senado, apesar das críticas que havia feito anteriormente

ao modelo de redução da jornada.

No campo petista, a avaliação de integrantes da campanha é de que Lula não pode se posicionar de forma inflexível contra a discussão sobre a maioria penal, mesmo diante da resistência de setores do partido à mudança. A equipe considera que uma oposição categórica ao tema poderia favorecer Flávio, que tenta associar sua candidatura ao endurecimento das políticas de segurança pública. A estratégia, no entanto, esbarra em divergências internas: parte dos governistas defende que a redução seja discutida separadamente, sem

alterar a PEC da Segurança Pública, para evitar atrasos na tramitação.

“Eu sou favorável a reduzir para 16 anos, mas não discutindo nessa PEC, porque essa PEC não é para discutir isso. Primeiro você discute a PEC, aprova a PEC, e aí você pode discutir a maioria penal ou não”, disse Lula em sabatina do Jornal Nacional na quinta-feira.

O cientista político Rudá Ricci, presidente do Instituto Culti, avalia que a aproximação com pautas populares faz parte da dinâmica democrática. “O candidato tem que necessariamente se ajustar às pautas populares se quer realmente

representar a maioria”, afirma. Para ele, a mudança de discurso pode não resultar diretamente em novos votos, mas ajuda a evitar perdas e ataques dos adversários. “A democracia tem este condão de levar candidatos radicais ao centro. Paulatinamente”, acrescenta.

O professor de direito eleitoral da Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Roberto Bejjato Júnior interpreta a movimentação como uma tentativa de recuperar terreno na disputa. Para ele, Lula estaria incorporando temas tradicionalmente associados à direita para atrair eleitores que ainda não definiram o voto.

As mudanças também provocam leituras distintas sobre o peso da opinião pública na disputa. Para Ricci, adaptar propostas às demandas da maioria não deve ser confundido automaticamente com populismo. O cientista político argumenta que a eleição existe justamente para permitir que os cidadãos escolham as políticas que consideram prioritárias. “É evidente que os dois candidatos estão corretos: eles têm que se ajustar ao interesse da maioria ou então têm que ser derrotados, porque a maioria não vai votar neles”, afirma.

Manifestações nas ruas e o primeiro confronto direto

» MARIA BEATRIZ GIUSTI

A uma semana do segundo turno das eleições presidenciais, os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) se preparam para mais um fim de semana de campanha.

Entre os compromissos previstos para hoje e amanhã estão mobilizações de apoiadores e o primeiro debate entre os presidenciáveis neste segundo turno, promovido pela TV Band.

Hoje, a campanha de Lula organiza mobilizações descentralizadas em bairros de São Paulo, com a participação de militantes e voluntários. Estão previstos atos em regiões como Butantã, Capela do Socorro, Jabaquara, Ipiranga e Pirituba. Para amanhã, também estão previstas novas mobilizações nas periferias da capital paulista.

Já a campanha de Flávio organiza motociata para hoje, em Brasília, a partir das 16h, com concentração na Torre de TV.

Também no Distrito Federal, nesse domingo, há mobilização prevista de apoiadores de Lula, com concentração em frente ao

Museu da República, às 9h.

Amanhã, Flávio tem participação prevista no chamado “Bloquinho do 22”, ato marcado para às 11h, na Avenida Paulista, em São Paulo. A mobilização deve contar com a presença de aliados políticos, entre eles o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos); o prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB); e o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG). A programação prevê um percurso em carro aberto.

O principal compromisso dos dois candidatos nesse domingo será o debate promovido pela TV Band, previsto para às 20h, em São Paulo. O encontro será o primeiro confronto direto entre Lula e Flávio na disputa eleitoral.

O cantor Caetano Veloso convocou um ato musical em defesa da democracia para amanhã, em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Entre outros artistas anunciados estão Djavan, Simone, Marina Sena, Frejat, Fernanda Abreu e João Bosco.

Para amanhã também está prevista uma manifestação estudantil em apoio a Lula, na região da

Charles Vieira/Flickr



Flávio Bolsonaro convocou ato para a Avenida Paulista amanhã

Candelária, no centro da cidade. A convocação nas redes sociais incentivava os participantes a seguirem da região central até Copacabana para acompanhar as duas mobilizações.

TSE rejeita

O corregedor-geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Ricardo Villas Bôas Cueva, negou

o pedido de Flávio Bolsonaro para restringir manifestações políticas em universidades.

O pedido, protocolado pela campanha de Flávio, demandava que a União Nacional dos Estudantes (UNE), assim como outras organizações vinculadas, não realizasse campanha político-eleitoral nos espaços das universidades públicas.

Ao analisar o pedido, o ministro considerou que é reconhecido,

Ricardo Stuckert



Artistas e apoiadores de Lula estarão em show no Rio nesse domingo

pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o espaço das universidades como local de livre circulação de ideias.

Além disso, as universidades possuem direito à autonomia, à pluralidade e à liberdade de expressão, o que não pode ser suprimido em virtude do período eleitoral ou pela manifestação de posicionamentos contrários ou favoráveis a determinados candidatos.

O ministro também questiona que há insuficiência de elementos para a aplicação das intervenções.

Cueva, no entanto, não afirma que irregularidades relacionadas à propaganda eleitoral em espaço público não possam existir, mas que esses casos devem ser analisados de acordo com cada circunstância, respeitando tanto a Lei Eleitoral quanto a liberdade das universidades. **(Com Agência Estado)**